

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Águas Claras

código
AV-FO8-SJVRP

localização
Estrada Silveira da Mota, km 23 – Águas Claras

município
São José do Vale do Rio Preto

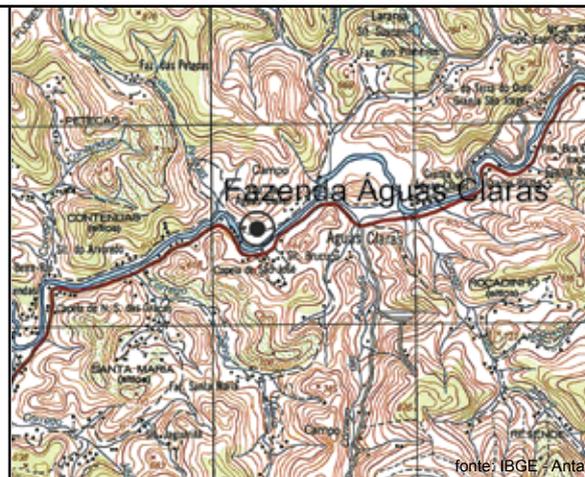
época de construção
século XIX (c.1808)

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
veraneio e gado / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



fonte: IBGE - Anta



Fazenda Águas Claras, fachada principal

coordenador / data **Francyla Bousquet – abr 2009**
equipe **Aline J. Soares, Priscila Oliveira**
histórico **Francyla Bousquet**

revisão
Coordenação técnica do projeto

A Fazenda Águas Claras está situada na localidade de mesmo nome, distante cerca de 30 minutos do centro de São José do Vale do Rio Preto. A referência é o parque de exposições da cidade, localizado à esquerda de quem se dirige para sua área urbana, antes mesmo de se chegar à antiga estação de trem de Águas Claras, edificação ainda existente. Junto ao parque de exposição, há uma ponte de concreto (f01), através da qual se transpõe o Rio Negro e se chega ao sítio, num percurso curto que atinge cerca de 30 metros.

Uma vez transposta a ponte, avista-se um grande muro, limite da propriedade junto à via, acompanhado de densa vegetação. Imediatamente à esquerda, fica a primeira porteira, destinada ao acesso de serviço (f02). Por meio dela chega-se diretamente às casas dos funcionários, currais e demais instalações de apoio. Seguindo mais à frente, encontra-se a porteira principal da propriedade, indicada por placa junto à estrada (f03).

Cruzando a porteira principal, o visitante é conduzido ao núcleo da fazenda por uma aleia de bambus (f04) formando uma espécie de túnel natural, até a revelação das edificações históricas, mais adiante. O caminho interno segue delineado por vegetação arbustiva cuidadosamente plantada, cujas interrupções indicam pequenos acessos (f05) para um grande lago artificial, próximo à entrada (f06).



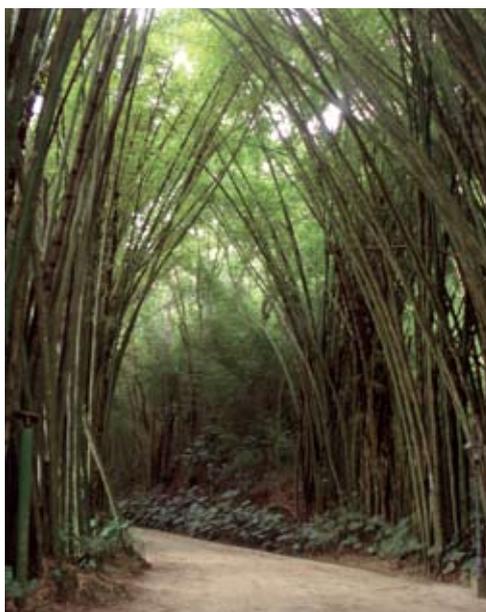
01



02



03



04



05



06

A mudança do tratamento paisagístico no percurso indica a proximidade da primeira edificação histórica: a capela da fazenda. Construção de pequenas dimensões, mas nem por isso menos imponente, apresenta cobertura em duas águas de telhas coloniais e elementos arquitetônicos bem proporcionados, característicos do estilo neoclássico, como o frontão triangular com a presença de óculo, cunhais de madeira salientes que repousam sobre bases escalonadas, cimalthas de arremate em madeira junto à cobertura e simetria no posicionamento das envasaduras (f07 e f08). As esquadrias, todas com verga em arco pleno, determinam bandeiras ora vedadas com painéis cegos de madeira almofadada (f09), ora mantendo vidros com recortes coloridos (f10) que iluminam o ambiente interno. As únicas esquadrias que destoam desse padrão são as da sacristia, executadas de acordo com a tipologia ensinada¹, peculiar das áreas de apoio e/ou serviço (f11).



07



08



09



10



11

¹ Ensilhada ou enrelhada – formada por tábuas grossas verticais unidas por encaixe macho e fêmea, consolidada por travessas ou taleiras com seção em forma de cunha totalmente embutidas no tabuado vertical.

Internamente, a edificação apresenta piso em ladrilhos hidráulicos, revestimento introduzido no século XIX. O retábulo caprichosamente reproduz as linhas da porta de entrada (f12), formando com o acesso um eixo de visão interessante para quem entra na capela. O revestimento interior, todo executado em madeira, apresenta pintura imitativa² de pedra de excelente qualidade, assim como também os requadros das janelas e portais. Na sacristia, nota-se a presença de um pequeno espaço arredondado confinado, através do qual é possível ter acesso à parte posterior do altar (f13). O mobiliário da capela é bastante singelo: além do belo altar, com estrutura em trono escalonado³, distingue-se a presença de pequeno oratório em madeira e pia batismal em pedra mármore (f14 e 15).



12



13



14



15

² *Tromp l'oeil* (ou *trick the eye*) – técnica artística de pintura através da qual se cria uma ilusão de ótica, nesse caso específico, fazendo crer que o revestimento aplicado é diferente do que realmente é.

³ Trono – pedestal colocado no camarim dos retábulos para exposição de imagem ou crucifixo. A forma escalonada ou em degraus é comum nas igrejas mineiras do século XVIII.

Continuando o trajeto através da estrada interna, a partir da capela, vê-se, ao fundo, a majestosa casa-sede da fazenda (f16), distante dali cerca de 100 m. A construção, alva, tem sua monumentalidade salientada pela moldura de vegetação e contornos em caminhos de terra batida, os quais lhe atribuem o *status* de cerne do controle da propriedade (f17). Fronteiro à sede, acha-se o único trecho remanescente do típico calçamento em pedra (f18).



16



17



18

Somente a partir da análise do inventário da Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (FUNDREM), realizado na década de 1980, foi possível entender que o volume original da casa-sede sofreu, pelo menos, dois acréscimos importantes. Isso porque tais reformas foram executadas reproduzindo o partido arquitetônico já existente, o que mimetizou as áreas acrescidas às originais, harmonizando de tal forma o conjunto que torna-se difícil distinguir o antigo do novo.

A primeira intervenção foi na lateral direita da sede, na qual foi acrescentada uma varanda no pavimento superior, onde anteriormente só havia duas sacadas (f19 e f20). Outra modificação foi na fachada lateral oposta, onde foi construída uma ala somente de aposentos (f21 e f22).



19



20



21



22

A casa-sede é uma construção de dois pavimentos e exibe cobertura complexa em telhado colonial, elaborada respeitando a existência de dois pátios internos (ver prancha de representação gráfica 1/3). Diferente da capela, apresenta vãos com vergas retas, mantendo, no entanto, a inspiração neoclássica com a maioria dos elementos citados anteriormente, acrescidos de sobrevergas¹ nas janelas. Segundo o administrador da fazenda, grande parte das empenas da sede ainda mantém a tecnologia construtiva original, com o pau a pique² grassando em suas paredes.

A parte inferior, originalmente utilizada como tulha, apresenta esquadrias com fechamento em folhas duplas cegas e, nas janelas, uma segunda vedação em folhas de caixilharia de vidro, com fechamento em sistema de guilhotina (f23), contando ainda com gradeado de madeira até meia altura do vão, adaptando a linguagem das moradas paulistas. As espessas paredes em pedra aparente, parcialmente pintadas, limitam o pavimento inferior (f24), hoje utilizado como salão de jogos e apoio às atividades de lazer. O forro desse pavimento é a estrutura do nível superior, executada em generosos barrotes de madeira. A interligação entre pavimentos ocorre através de escada de pedra (f25), que chega ao ambiente de estar / jantar no andar nobre.

A transição do pavimento de uso utilitário para o social é acompanhada pela mudança de revestimentos. O piso em pedra cede lugar ao tabuado de madeira; as paredes rústicas à alvenaria pintada; a ausência de forro ao forro tipo saia-e-camisa com arremate periférico frisado, o qual recebeu pintura bicolor em alguns ambientes (f26).



23



24



25



26

¹ Sobrevergas – moldura colocada nas fachadas sobre as vergas de janelas e portas, realçando-as e protegendo-as das águas das chuvas. Foi comum sua utilização nos prédios em estilo eclético no final do século XIX e início deste.

² Pau a pique – genericamente, qualquer sistema construtivo que utilize gradeados de varas de madeira organizados em sebe, preenchidos com barro. As varas de madeira são chamadas piques.

O pátio interno, junto à chegada da escada, exibe ainda o piso em pedra, mas já apresenta varanda revestida com ladrilho hidráulico, sinal de intervenção posterior à construção (f27). O segundo pátio, mais semelhante a um jardim de inverno, também apresenta calçamento em pedra, porém de padrão atual (f28).

As áreas de serviço e apoio (cozinha, despensa, copa) são as que mais sofreram modernização, assim como os banheiros, espaços criados com a subdivisão de cômodos de maior porte. Nessas áreas foram realizadas adaptações, como a aplicação de azulejos e pisos cerâmicos, além da instalação de bancadas e equipamentos de apoio à cocção (f29).

Além dos acréscimos citados – os mais relevantes nesse contexto –, ainda se pode acrescentar a construção de uma garagem, na verdade, apenas uma cobertura (f30), para a qual se tem acesso através de aclave lateral à sede, junto à nova ala de aposentos.



27



28



29



30

Conforme esclarece a aquarela do pintor alemão Georg Grimm³ (f31), somente a sede faz parte do grupo original de edificações. O edifício onde funciona o atual engenho (f32) assemelha-se a um volume revelado pela pintura e encontra-se implantado no mesmo local apontado pelo pintor. No entanto, trata-se de uma construção nova, muito embora apresente cobertura em duas águas com telhas antigas e exiba estilo harmonioso com o existente no restante da propriedade. Edificação simples, com esquadrias típicas de áreas de serviço, mostra gradeamento de madeira para segurança e ventilação, assimilando o entendimento que alia tais tipos de vedação com o uso do espaço. Atualmente, o local é utilizado como engenho de cana para fabricação de cachaça, não mais com os equipamentos originais da fazenda, mas utilizando outros que foram adquiridos pelo proprietário no sul do país. Ainda assim, pela semelhança dessas estruturas de madeira com as utilizadas antigamente nos engenhos de cana, é um belo espetáculo ver esse conjunto em pleno funcionamento (f33 e f34).



31



32



33



34

³ Fazenda Águas Claras, São José do Vale do Rio Preto, 1879. Óleo sobre tela de Georg Grimm (47,5x66,5 cm) in O Brasil do século XIX na Coleção Fadel. Rio de Janeiro: Instituto Sérgio Fadel, 2004.

Da antiga senzala, localizada junto à lateral direita da casa-sede, somente o embasamento de pedra resistiu ao tempo. Sua demolição foi inevitável, em razão de seu avançado estado de arruinamento, fato ocorrido antes do atual proprietário assumir a fazenda. Sua percepção só foi possível a partir de informação prévia, uma vez que essa estrutura encontra-se hoje encoberta por antúrios (f35).

As demais construções existentes são contemporâneas, utilizadas para abrigo de hóspedes, moradia de funcionários, áreas de apoio e serviço. No entanto, é possível perceber em algumas delas, como na garagem junto ao curral, um possível reaproveitamento de material de outras construções que já tenham sido desfeitas em função do seu precário estado de conservação. Nesta garagem, por exemplo, a cobertura foi executada com madeiramento roliço e telhas antigas de grande formato, em padrão artesanal (f36).

Os antigos terreiros de café ainda têm seus limites demarcados por muretas de pedra de mão (f37). Estão localizados onde hoje funcionam duas quadras poliesportivas, junto à casa-sede e em frente ao local onde outrora existira a senzala, elementos originais que reunidos determinavam a dinâmica de produção da fazenda.



35



36



37

A fazenda, como um todo, encontra-se muito bem mantida. As construções acompanham esse bom estado geral, que denota atenção e zelo pelo bem cultural, e demonstra o entendimento da importância dessa propriedade no contexto cafeeiro de São José do Vale do Rio Preto.

É possível identificar, no entanto, pequenas patologias na sede, em madeiras altas, como no friso que arremata a fachada lateral direita (f38) e no forro da sala de estar, junto ao *hall* lateral de entrada (f39). Ambas as ocorrências referem-se a ataque de cupins, cujo combate é compartilhado por todos os proprietários locais, onde a atmosfera quente e úmida é convidativa para a sua proliferação.

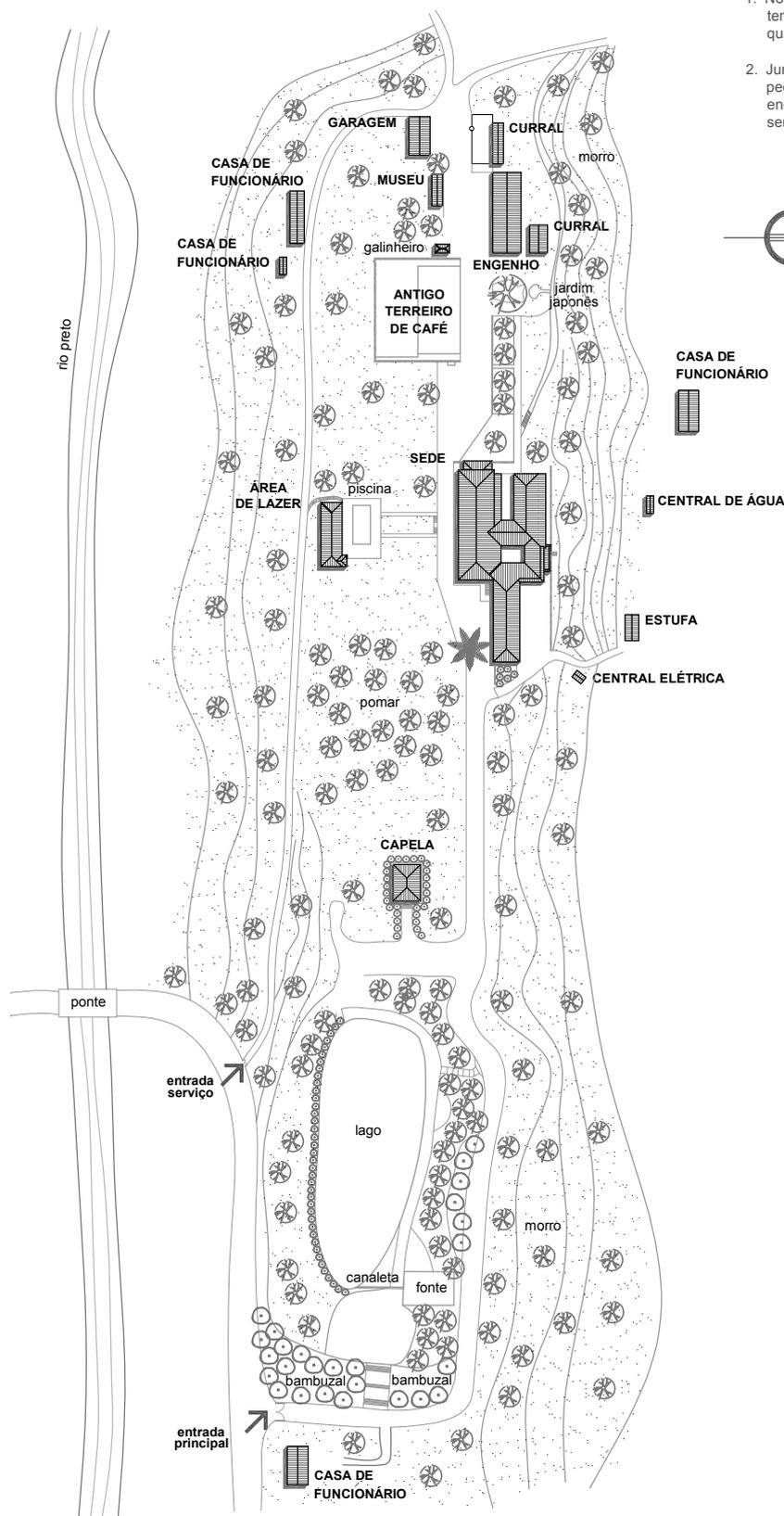


38



39

FAZENDA ÁGUAS CLARAS



Observações:

1. No local onde funcionava o antigo terreiro de café hoje estão duas quadras esportivas;
2. Junto à sede, a longa mureta de pedra que se observa, rumo ao engenho, é resquício da antiga senzala.

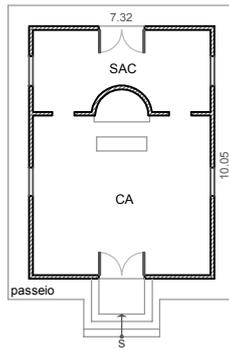
1 Croqui Implantação
escala: 1/2000



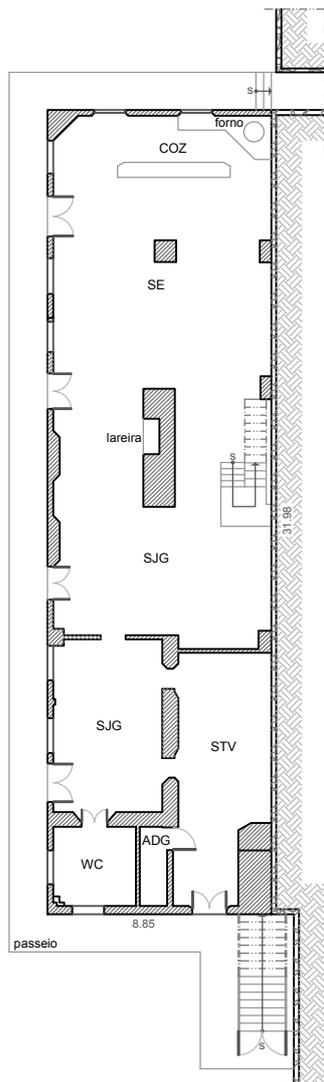
ENDA ÁGUAS CLARAS

Observações:

1. A antiga telha funcionava no térreo da sede.



2 Planta Baixa da Capela
escala: 1/300



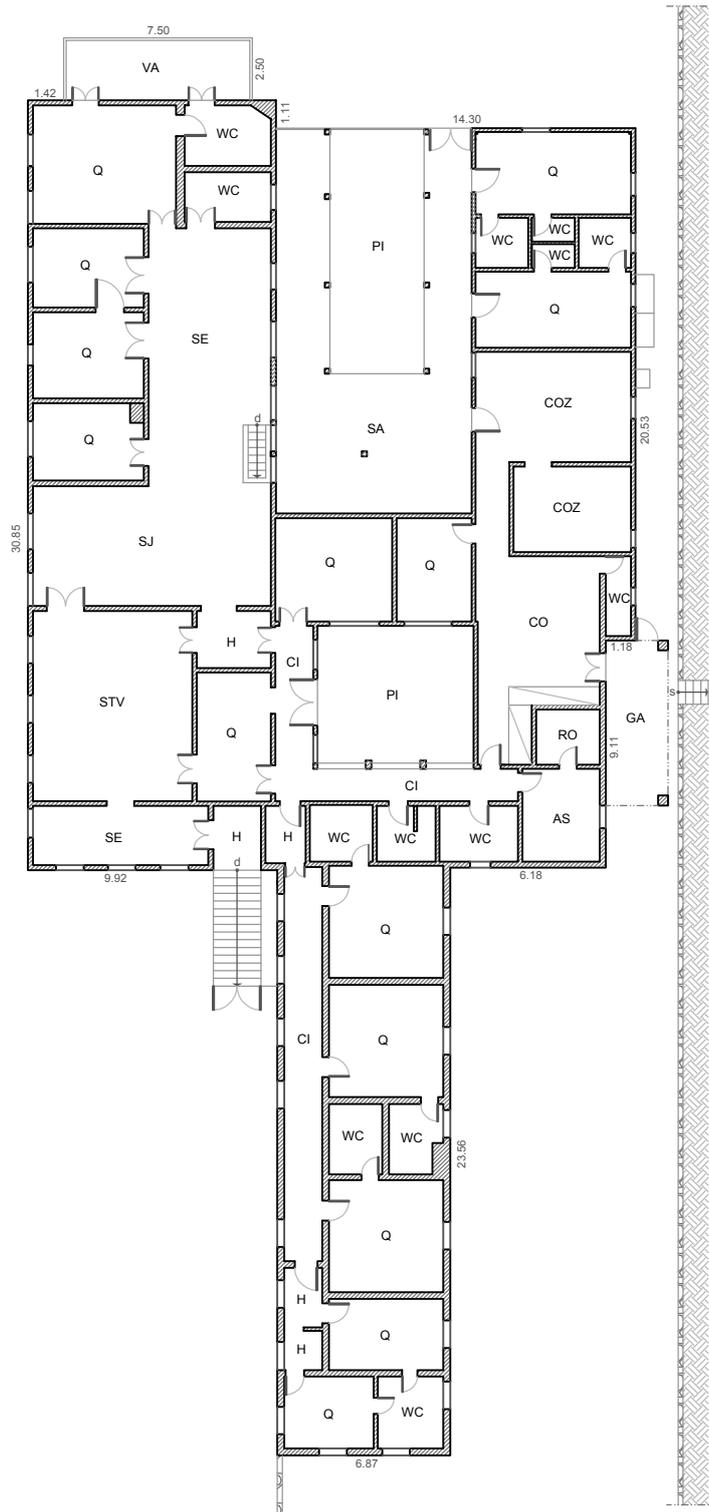
1 Planta Baixa da Sede - Térreo
escala: 1/300



adega COZ - cozinha SE - sala de estar STV - sala de tv
apela SAC - sacristia SJG - sala de jogos WC - banheiro

alvenaria existente
alvenaria demolida

FAZENDA ÁGUAS CLARAS



1 Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento
escala: 1/300



AS - área de serviço	COZ - cozinha	PI - pátio interno	SA - sala de almoço	VA - varanda
CI - circulação	GA - garagem	Q - quarto	SE - sala de estar	STV - sala de tv
CO - copa	H - hall	RO - rouparia	SJ - sala de jantar	WC - banheiro

alvenaria existente
 alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AV - F08 - SJVRP

3/3

equipe:
Francyla Bousquet / Aline J. Soares / Priscila Oliveira

desenhista:
Maciel Torres

revisão:
Francyla Bousquet

data:
abril 2009

A Fazenda Águas Claras foi instalada em terras da sesmaria concedida a João de Souza Furtado, casado com D. Genoveva Maria de Jesus. Pouco se sabe sobre este sesmeiro, apenas que sua sesmaria foi requerida à Vila de Magé no ano de 1803. Media meia-légua de testada por meia-légua de fundos e situava-se entre as terras do capitão Manoel Rodrigues de Araújo e as de Manoel Fernandes Pertenço.

A história da Fazenda Águas Claras abrange a época dos primeiros desbravamentos dos sertões do Rio Preto, no século XIX. Não se sabe ao certo quem foi o construtor da sede da fazenda. Quando o sesmeiro João de Souza Furtado vendeu as terras para o padre Luiz Gonçalves Dias Corrêas, no ano de 1823, ao que tudo indica, já deveria existir uma sede, pois, em referência contida em documento cartorial, o padre faz menção aos pertences da fazenda comprada, enumerando algumas construções complementares que, habitualmente, compunham as antigas propriedades.

Em 1843, o padre Luiz Gonçalves Dias Corrêas vendeu a fazenda para o comendador Guilherme Francisco Rodrigues Franco, que passou a propriedade para o seu genro, Domingos de Souza Leite, o qual, por compra aos herdeiros da Fazenda do Ribeirão, anexou nova área de terras a sua nova fazenda. Domingos de Souza Leite era casado com Mariana Guilhermina de Araújo Franco, filha do comendador Guilherme.

A propósito do casamento de Domingos de Souza Leite, conta-se a história de que, ao fazer o pedido da mão da filha do comendador, lhe foi apresentada a filha mais velha, como mandava a boa tradição da época, mas o comerciante Domingos protestou, explicando que já conhecia a irmã mais nova, segundo ele próprio, muito mais bonita, de olhos azuis e que correspondia aos seus olhares, lá da janela da Fazenda do Ribeirão. Dizem que o comendador ficou muito surpreso com aquela revelação do pretendente e, só depois de certa resistência, resolveu, por fim, atender ao seu pedido.

Com o falecimento do casal Souza Leite, a fazenda passou às mãos do filho, Guilherme de Souza Leite, agraciado pelo imperador D. Pedro II com o título de barão de Águas Claras. Guilherme de Souza Leite era formado em Engenharia e atuou significativamente na política local, sendo vereador junto à Câmara Municipal de Sapucaia. O barão era casado com Josephina de Araújo Franco, sua prima.

Haroldo de Souza Leite, filho dos barões de Águas Claras, casado com Maria Theodora Rocha, passou, mais tarde, a ser o novo proprietário da fazenda.

A partir de 1966, a Fazenda Águas Claras, ou melhor, o que restou dela foi vendido a terceiros, deixando de pertencer à Família Souza Leite. Em 1972, o casal Andrade de Carvalho adquiriu a fazenda e fez muitos melhoramentos na sede, além de construir outras instalações mais modernas.

A Fazenda Águas Claras tem seu nome ligado à própria história de São José do Vale do Rio Preto. Foi notável pela produção de café e por estar situada em importante entroncamento de estradas percorridas pelos viajantes que vinham do Porto Piedade, via Magé, e da Fazenda March, em Teresópolis. Na antiga ponte de Águas Claras havia abrigo para as tropas de animais de carga – ali o caminho bifurca-se para Nossa Senhora Aparecida ou para Bemposta, seguindo via Cebolas e Santo Antônio da Encruzilhada, para Paraíba do Sul.

O barão de Águas Claras recebeu em sua fazenda a visita do imperador D. Pedro II, que ali permaneceu por um mês. Nesta ocasião, foi tirado um retrato do imperador e da imperatriz Teresa Cristina na janela da fazenda (f40). Esta foto constitui raro testemunho iconográfico da presença do imperador em fazendas fluminenses de café.

Em Águas Claras, foi instalado o primeiro telefone de interior em todo o país. Este telefone comunicava entre si as fazendas Águas Claras, Pinheiros, Belém e Bela Esperança.



